

# O humanismo integral e a evangelização no contexto da Universidade católica atual

*José Abel Sousa<sup>1</sup>*

## Resumo

Evangelizar ou humanizar? Argumentamos, neste trabalho, que essa questão não constitui uma oposição, mas sim uma complementaridade. A função de evangelizar o meio acadêmico foi, desde sempre, a razão de ser e existir da universidade católica. Nos tempos atuais, marcados pela diversidade religiosa, pelo pluralismo cultural e pela crescente secularização, mais do que nunca cabe enfatizar que a missão evangelizadora da universidade católica deve ser compreendida à luz do humanismo cristão, integral ou crístico, uma vez que toda a humanidade, não apenas os cristãos, está assinalada pelo dom de Deus. Isso significa que, no cristianismo, o discurso sobre Deus está vinculado à antropologia, porque a revelação é intrinsecamente ligada à humanização de Deus. O cristianismo só pode ser entendido mediante a compreensão da centralidade da mensagem sobre a promoção da vida humana em vista da humanização. Mais do que isso, o cristianismo deve ser vivido à luz da prática de Jesus porque Ele testemunhou de maneira única uma ética de humanização. O cristianismo é mais do que o Cristo continuado, é uma outra realidade, que contudo não pode ser compreendida à revelia do Cristo. É um acontecimento histórico, mas aberto à transcendência e em contínua construção. A sustentação da identidade e da missão evangelizadora da universidade católica atual tem, entre outros fundamentos, a concepção do ser humano como pessoa, um conceito baseado na fé e na razão que exprime, necessariamente, uma concepção integral, includente e dialógica do ser humano, cuja compreensão como pessoa constitui um referencial fundante, comum e orientador do diálogo inter e transdisciplinar dos projetos acadêmicos e administrativos que compõem sua comunidade educacional. O ser humano, na universidade que faz jus ao título de católica, deve ser compreendido como sujeito e pessoa integral capaz de conciliar conhecimentos, experiências e valores. Neste artigo, a reflexão sobre o ser humano será empreendida por meio da razão enquanto busca de resposta, partindo de pressupostos naturais e ao mesmo tempo à luz da fé, cujo ponto de partida é o sobrenatural. A universidade católica, enquanto espaço de busca pela verdade e debate saudável de ideias, contribui para “humanizar” a cultura, desde a sua própria antropologia, promovendo a gestão e articulação de mudanças sociais em favor da dignidade da pessoa humana, sempre objetivo primeiro.

**Palavras-chave:** humanismo cristão; missão da universidade católica, sujeito integral; educação humanista.

## Introdução

O ser humano, na universidade católica, deve ser compreendido como sujeito e pessoa integral capaz de conciliar conhecimentos, experiências e valores<sup>2</sup>, pois não obstante a pequenez e a vulnerabilidade inerentes à sua condição de húmus

---

<sup>1</sup> *Doutorando, Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro*

<sup>2</sup> MIRANDA, *Evangelizar ou humanizar?*, p.520. O autor propõe pensar conjuntamente criação e salvação, o humano histórico e o divino transcendente.

(terra), conserva uma grandeza que se expressa na reflexão por meio da qual emergem perguntas como: Quem é o ser humano? Qual é o seu destino e o que o espera? A reflexão antropológica ajuda o ser humano nas respostas a essas e outras perguntas existenciais sobre a sua condição. De acordo com a perspectiva adotada neste artigo, a reflexão sobre o ser humano será empreendida por meio da razão enquanto busca de resposta, partindo de pressupostos naturais, mas será feita, simultaneamente, à luz da fé, cujo ponto de partida é o sobrenatural.<sup>3</sup> Como espaço por excelência da busca pela verdade e de debate saudável de ideias, a universidade contribui para “humanizar” a cultura, desde a sua própria antropologia e, a partir daí, pode gestar e articular mudanças sociais em favor da dignidade da pessoa humana, a ser posta em primeiro lugar.<sup>4</sup>

### **1 A razão humana e a abertura à fé cristã em vista da humanização plena**

A graça divina atua e a alma humana a acolhe, é esse movimento de transcendência que possibilita que a imagem de Deus vá se tornando mais clara para aquele que crê. O ser humano é, simultaneamente, físico e metafísico. A razão humana busca a plenitude das exigências lógicas, ao mesmo tempo que se abre à transcendência de si.<sup>5</sup> Por meio da fé, o ser humano adere, de forma livre e inteligente, à doutrina revelada por outra inteligência, como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*:

A fé é uma adesão pessoal do homem inteiro a Deus que se revela. Ela inclui uma adesão da inteligência e da vontade à Revelação que Deus fez de si mesmo por suas ações e palavras. Por conseguinte, “crer” tem uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, por confiança na pessoa que a atesta. (CIC, n.176-177)

Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino refletiram sobre a tensão existente entre a certeza e a dúvida, e ambos entendiam que a superação de tal tensão passa pela inteligência. Para Agostinho, o conflito da inteligência não elimina, antes aperfeiçoa a fé, “eu te buscava fora de mim, e não encontrava o Deus do meu coração. Havia chegado ao fundo do mar, e não tinha mais confiança nem esperança de encontrar a verdade”<sup>6</sup>. Segundo Agostinho, a certeza consiste na confiança em Deus e em não desesperar diante da dúvida. Tomás de Aquino, na mesma busca, observa que a certeza consiste na adesão do intelecto a um único objeto de desejo, mas “tudo aquilo que é dito acerca de Deus, e que a razão humana

<sup>3</sup> SOUZA, *Imagem humana à semelhança de Deus*: proposta de antropologia teológica, p.7.

<sup>4</sup> MOURA, A dignidade da pessoa e os direitos humanos, p.74: “O reconhecimento da dignidade da pessoa humana é certamente uma das grandes conquistas da cultura hodierna”.

<sup>5</sup> FRANCA, *A psicologia da fé*, p.225.

<sup>6</sup> *Confissões*, VI, 1,1.

em si mesma é incapaz de descobrir, não deve ser de imediato considerado como falso, como acreditaram os maniqueus e a maior parte dos infiéis”<sup>7</sup>. Tanto para Agostinho quanto para Tomás, a certeza e a dúvida, por serem racionais, se direcionam ao mesmo objetivo: a verdade. Enquanto a certeza a afirma, a dúvida hesita em afirmá-la, no entanto tende-se a ela. A inteligência é fundamental no ato de fé; é por meio dela que o ser humano pode contemplar a verdade e compreender, no âmbito da fé, porque Deus o criou à sua imagem e semelhança. É pela inteligência que se edificaram os raciocínios sobre a verdade da criação e da revelação de Deus em Jesus Cristo.<sup>8</sup>

Na Idade Média, os pensadores cristãos submeteram a filosofia à teologia de tal modo que se poderia pensar que o ser humano poderia chegar, por meio da razão, ao conhecimento da essência dos mistérios de Deus. De acordo com o filósofo cristão Mestre Eckhart, o ser humano, ao ser criado imagem e semelhança, foi chamado à unidade, isto é, não à identificação com Deus, mas à participação no Uno, portanto, o destino humano é unir-se ao intelecto indivisível que é Deus.<sup>9</sup>

A ciência moderna encontra-se em oposição à metafísica tradicional. O divórcio entre fé e razão, teologia e filosofia, Igreja e Estado, religião e ciência culminou na inauguração de uma antropologia cujo objeto é o ser humano, opondo-se a tudo o que reporta transcender a sua própria existência. De Hume até Freud, a religião foi sendo reduzida cada vez mais a um fenômeno a ser pesquisado pela ciência. Para Freud, as ideias religiosas são fruto da necessidade do ser humano suportar sua impotência, ideias construídas com os materiais e memórias da impotência da raça humana.<sup>10</sup> No Brasil, o jesuíta Leonel Franca foi um dos que se destacou como crítico da modernidade. Segundo ele, o ser humano só pode ser considerado na sua relação com Deus, em outras palavras, ele defende a existência de uma antropologia teológica, segundo a qual a razão existe em conformidade com a fé.<sup>11</sup>

No contexto atual, predomina uma tecnociência indiferente à espiritualidade e emerge uma religiosidade da insegurança, desprovida do auxílio das construções simbólicas e de analogias, próprias da razão. Isso ocasiona a perda do princípio de

---

<sup>7</sup> Seleção de textos: *Súmula contra os gentios III*, p.136.

<sup>8</sup> CASTILLO, *A humanidade de Jesus*, p.31.

<sup>9</sup> ECKHART, *O livro da divina consolação e outros textos seletos*.

<sup>10</sup> FREUD, *O futuro de uma ilusão*.

<sup>11</sup> FRANCA, *A crise do mundo moderno*.

responsabilidade, levando a substituição da fé pela crença na salvação individual, construída a partir de uma noção privada de Deus.

Não é de estranhar que haja um ressurgimento de bruxos e cartomantes, um exército de *médiuns* espirituais que procuram controlar o ingovernável e submeter à vontade do usuário a marcha do presente e do futuro.

Em tempos de desconfiança sobre a razão, apela-se para o mistério e para o enigma a fim de manipular o incontrolável. Uma antiga receita que surge novamente, mostrando as tendências atávicas do ser humano. Atualmente, há mais “bruxos” em Paris ou em Madri do que sacerdotes e religiosos/as.<sup>12</sup>

O cristianismo é um acontecimento histórico, porém aberto à transcendência e em contínua construção. O seu ponto de partida é o Reino de Deus, cuja vocação é estar a serviço da vida.<sup>13</sup> Um serviço orientado a dignificar e humanizar a pessoa em nome de um Deus que quer a vida em plenitude para todos (cf. Jo 10,10).<sup>14</sup> O fundamento da vocação humanista está em duas afirmações fundamentais do dogma cristão: a encarnação do Verbo, isto é, o fato de o Filho de Deus ter assumido a condição humana, tornando o humano expressão do divino; e a ressurreição do corpo, isto é, a dimensão corporal participa da realidade salvífica, a matéria humana é divinizada.<sup>15</sup> A partir desse mistério insondável, Deus se funde e se confunde com o ser humano, a ponto de já não ser possível entender, nem ter acesso a Deus prescindindo do humano.<sup>16</sup> Quem é Deus para o ser humano? Quem é o ser humano para Deus? Segundo L. Boff:

Se o ser humano emerge como pessoa, então Deus é a Pessoa absoluta, se o ser humano surge como espírito, então Deus apresenta-se como o Espírito infinito, se o ser humano irrompe como mistério, então Deus será o Mistério abissal. Esta personalidade suprema se autocomunica, entretém um diálogo com as pessoas humanas e entra na história dos homens.<sup>17</sup>

O cristão é, obviamente, definido a partir de sua referência a Cristo. Ter fé equivale a aderir à pessoa e ao projeto de Cristo. Tal adesão provoca uma nova compreensão do ser e do agir do cristão.<sup>18</sup> O assim chamado “giro antropológico” implica abordar a questão de Deus a partir da subjetividade, da abertura do ser humano ao transcendente. Deste modo, ao se falar de Deus, se está necessariamente falando de si. O discurso sobre Deus implica uma compreensão

---

<sup>12</sup> MARDONES, *A vida do símbolo*, p.144.

<sup>13</sup> BOFF, L., *Cristianismo: o mínimo do mínimo*, p.187.

<sup>14</sup> ÁVILA, *Antes de Marx: as raízes do humanismo cristão*.

<sup>15</sup> JUNGES, *O respeito à dignidade humana como fundamento de todo humanismo*. In: OSOWSKI (Org.), *Teologia e humanismo social cristão: traçando rotas*, p.154.

<sup>16</sup> CASTILLO, *A ética de Cristo*, p.28-9; Mt 25 já evidenciava que é inconcebível vivenciar o cristianismo desvinculando-se de uma prática sintonizada com o resgate e a libertação da vida humana.

<sup>17</sup> BOFF, L., *A Trindade, a sociedade e a libertação*, p.32.

<sup>18</sup> JUNGES, *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais da ética teológica*, p.118.

determinada do ser humano. O teólogo José M. Castillo apresenta uma contundente crítica ao fato da humanização, na teologia cristã, ter sido sempre pensada em função da divinização, de forma que o humano seria tanto melhor quanto mais divino se fizesse ou se orientasse para o divino. Ele propõe que o inverso também deva ser considerado.<sup>19</sup> Na mesma linha, K. Rahner afirma que toda teologia é também uma antropologia teológica, “a teologia é uma antropologia por identificar-se a um discurso ‘de’ Deus que fala do homem que fala de Deus”<sup>20</sup>. Portanto, é importante que, na reflexão teológica, as características marcantes de uma antropologia sejam reconhecidas, pois elas tanto iluminam e aprofundam quanto condicionam e limitam a compreensão das verdades reveladas, como nos mostram as teologias de cunho transcendental, existencial, hermenêutico, ou fenomenológico.<sup>21</sup> A teologia como antropologia será exatamente o discurso encarregado de expressar o *logos* sobre o ser humano que está incluído no *éthos*-fé. Porque há sobre o ser humano, na fé, um discurso específico e que tem o direito de ser proclamado/ouvido. Cabe à teologia resgatar esse discurso que as outras ciências do ser humano não tornam compreensível<sup>22</sup>.

O cristianismo propõe à humanidade, antes de tudo, a humanização em plenitude. Nisso consiste a salvação em Jesus Cristo. Santo Irineu de Lyon, na aurora do cristianismo, afirma que “a glória de Deus é o ser humano pleno de vida” (*gloria Dei homo vivens*). João Paulo II, alinhado a essa mesma tradição, em *Redemptor Hominis* e em *Centesimus Annus*, tira as consequências para a ação evangelizadora: “O ser humano é o caminho da Igreja” (*RH* n.13 e 14; *CA* n.53).

## **2 O humanismo integral ou cristão**

O termo “humanismo” aparece pela primeira vez em 1808, no livro do pedagogo alemão F. J. Nietthammer, *A luta entre o filantropismo e o humanismo*. Por humanismo, o autor entendia o sistema tradicional de educação que visa à formação da personalidade total por meio do estudo das humanidades clássicas, em oposição às escolas pedagógicas modernas.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> CASTILLO, *Jesus, a humanização de Deus*, p.14.

<sup>20</sup> RAHNER, *Teologia e antropologia*, p.43-65; idem, *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*.

<sup>21</sup> GREISCH & HÉBERT, *Philosophie et théologie à l'époque contemporaine IV*, p.13-64.

<sup>22</sup> GESCHÉ, *O ser humano*, p.40.

<sup>23</sup> ÁVILA, *Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja*, p.221.

O humanismo antigo, grego e romano, tem como característica básica a valorização da pessoa humana com destaque para a beleza, a força, a harmonia, a virtude, a genialidade etc; o humanismo histórico-literário se caracteriza pelo estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, sendo um movimento cultural ligado à Renascença e às novas descobertas e saberes do início da era moderna; o humanismo especulativo-filosófico é o conjunto de princípios doutrinários referentes à origem, natureza e destino do ser humano<sup>24</sup>; o humanismo exclusivista, ou ateu, configura-se pelo pensamento antropocêntrico radical, que procura fazer da subjetividade humana o ponto de partida e a última referência em detrimento da referência ao transcendente.<sup>25</sup> Há uma exuberância de humanismos contemporâneos tão diversos entre si, com perspectivas às vezes tão opostas, que cabe a pergunta se há um denominador comum entre eles, a ponto de poder denominá-los todos de humanismo<sup>26</sup>. O termo é hoje empregado em sentidos tão diversos que a única definição suficientemente compreensiva para englobá-los seria a de antropocentrismo reflexo, que, partindo do conhecimento do ser humano, tem por objetivo a valorização do próprio ser humano, repudiando tudo o que o aliena dele mesmo, seja procurando sujeitá-lo a verdades ou a potências transcendentes, supra-humanas, seja procurando desfigurá-lo pela redução a condições infra-humanas.<sup>27</sup>

O humanismo cristão, também denominado humanismo integral, marca profundamente a cultura ocidental. O papa Paulo VI, na encíclica *Populorum Progressio*, se refere à necessidade de promover “um humanismo total” (PP n.42). Segundo F. B. Àvila, “Paulo VI era amigo e admirador de J. Maritain, o autor de Humanismo Integral”<sup>28</sup>. O papa J. Paulo II, na encíclica *Redemptor Hominis*, dá sequência à reflexão de Paulo VI, vinculando o tema do humanismo ao mistério da encarnação (RH n.14). Não podemos deduzir a mundividência a partir de um antropocentrismo radical, para o qual se invoca o sofista Protágoras, com a famosa expressão: “O ser humano é a medida de todas as coisas”<sup>29</sup>. O aristotelismo e o

---

<sup>24</sup> NOGARE, *Humanismos e anti-humanismos*, p.15; MARITAIN, *Humanismo integral*, p.9-29.

<sup>25</sup> LUBAC, *O Drama do humanismo ateu*, p.20: “O mesmo Deus que o homem aprendeu a vê-lo a partir de sua grandeza, começa a aparecer-lhe como um antagonista, como o adversário de sua dignidade”; KONINGS, *Humanismo e contemporaneidade*, p.122.

<sup>26</sup> NOGARE, *Humanismos e anti-humanismos*, p.16.

<sup>27</sup> ÁVILA, *Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja*, p.222.

<sup>28</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>29</sup> COURT, *Un nuevo humanismo para la vida de la Universidad*, p.87.

estoicismo, que marcaram também a Idade Média, sobretudo no tomismo, acentuaram o papel central da pessoa humana na percepção do mundo e na projeção da ação humana, inclusive na política. Quando, então, no fim da Idade Média, a atenção sobre a pessoa humana começa a ser enfatizada e tematizada, não se deve ver aí uma revolução copernicana, mas um deslocamento de acento, pois a valorização do humano não começou nesse momento histórico, ela estava presente na Bíblia já no Antigo Testamento.<sup>30</sup> A intuição segundo a qual o ser humano resplandece algo divino permitiu aos primeiros cristãos dizerem que Jesus foi a imagem perfeita de Deus (Hb 1,3; 2Cor 4,4). Esta afirmação supõe que houve uma imagem imperfeita, a saber, o ser humano, homem e mulher, que na Bíblia recebem o nome de Adão (o da terra) e Eva (a da vida). No primeiro capítulo do livro do Gênesis, as primeiras páginas das Sagradas Escrituras narram que Deus lhes confiou um jardim para cuidarem (Gn 2,9; 2,16-17; 3,1-24). Instaurou, porém, um limite: Adão e Eva podiam comer todas as frutas, especialmente da árvore que tinha o lugar mais importante e que se chamava a árvore da vida, mas Deus interditou a árvore do saber do bem e do mal, pois esse saber precisa da sua chancela. Porém, o fruto do outro lado da cerca parecia melhor, sobreveio um bicho rasteiro (...) e o ser humano tentou ser igual a Deus, mas se viu nu (...) (cf. Gn 3,1-6). Refletindo sobre isso, um dos primeiros teólogos cristãos, S. Ireneu, sugere que Adão foi o rascunho e que Jesus é Adão passado a limpo.<sup>31</sup> O humanismo bíblico acentua o valor, mas também a responsabilidade, da pessoa humana, de cada um em particular (Ez 18). Cada pessoa é responsável por seus erros, mas Deus oferece a graça do perdão e da salvação. Isso entra em colisão com certo modo de pensar moderno, exacerbado por J. J. Rousseau, que vê no ser humano uma inocência primitiva, segundo a qual o ser humano é originalmente bom, só precisa ser bem educado.<sup>32</sup> A Bíblia é mais realista: apresenta o ser humano trazendo desde o

---

<sup>30</sup> “Que é o homem, para que te lembres dele? Que é o ser humano, para que te preocupes ele? Contudo, fizeste-o quase como um deus e encheste-o de honra e dignidade. Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, tudo colocaste sob o seu poder” (Sl 8,5-7); “Deus disse: ‘Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que ele tenha poder sobre os peixes do mar e as aves do céu, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre todos os bichos que se movem sobre a terra’. Deus criou então o ser humano à sua imagem; ele o criou homem e mulher” (Gn 1,26-27).

<sup>31</sup> Cf. KONINGS, *Humanismo e contemporaneidade*, p.123.

<sup>32</sup> “A teoria do bom selvagem”, de J. J. Rousseau, surgiu em 1755 e afirma que o homem por natureza é bom, nasceu livre, mas sua maldade advém da sociedade que em sua presunçosa organização não só permite, mas impõe a servidão, a escravidão, a tirania e inúmeras outras leis que privilegiam as elites dominantes em detrimento dos mais fracos, firmando assim a desigualdade entre os homens, enquanto seres que vivem em sociedade. Desta forma, Rousseau faz uma crítica objetiva contra a sociedade moderna e um grito de alerta

nascimento alguns “vírus” que devem ser constantemente combatidos. Para insistir na responsabilidade ética, a Bíblia constata a onipresença da falta, mas acentua a possibilidade da melhora (cf. 2Sm 12,1-15). Deus é muito maior que o coração humano (cf. 1Jo 3,20). Os profetas insistem na responsabilidade ética de cada um (cf. Am 5,21-24).

Com a Renascença e as descobertas do início da Idade Moderna, teve início o desejo de estruturar a educação e de incluir nela todo o novo saber.<sup>33</sup> O humanismo clássico foi, por excelência, educativo. Por um lado, a *paideia* helenista, junto com a valorização da Bíblia nos idiomas originais, levou a que se privilegiasse o estudo das línguas. Achava-se, inclusive, que as gramáticas latina e grega eram excelentes para formar a mente e o raciocínio, sobretudo se combinadas à matemática e à geometria, e o estudo dessas línguas servia ao mesmo tempo para instilar o socratismo, a ética estoica de Cícero e a história das civilizações antigas. Os matemáticos, físicos e geógrafos introduziram as ciências que posteriormente seriam chamadas de “exatas”. Criou-se, a partir dos jesuítas, um programa de estudos destinado a transformar os jovens em cristãos e cidadãos exemplares: mais humanos, *humanior* em latim. Daí o nome de “*humaniora*”, ou também “*les humanités, humanidades*”<sup>34</sup>. Assim, foi a formação humana assentada no duplo eixo de ciências e letras.

No século XIX, o conteúdo das ciências empíricas e exatas se tornou tão amplo e sua praticidade tão ou quiçá mais atraente que a das letras que culminou no divórcio entre ciências e letras. Ciências exatas e empíricas por um lado, ciências humanas por outro. Tal divisão, no entanto, suscita a pergunta: as primeiras seriam desumanas e as humanas seriam inexatas? Alguns, em vez de exatas, preferem o termo ciências positivas<sup>35</sup>. Hoje, constata-se que a emancipação e dominância das

---

sobre a exploração do homem pelo próprio homem, desta forma privilegiando o ter em desfavor do ser. Cf. FORTES, *Rousseau: o bom selvagem*.

<sup>33</sup> LIMA, *O espírito universitário*, p.26: “A especialização e a cultura geral não se contradizem, se completam em todo verdadeiro sistema pedagógico.”

<sup>34</sup> FRANCA, *O método pedagógico dos jesuítas*, p.55-6: “Que o *Ratio Studiorum* tenha sido elaborado com grande sabedoria e diligência invulgar é o que não se pode pôr em dúvida. Nem tampouco é possível contestar que, no seu conjunto, o seu plano de estudos se adapta bem às exigências do tempo; tudo o que tinha um valor no mundo científico do século XVI foi nele levado em consideração. Não duvido, tampouco, que pela organização escolar, a Ordem tenha promovido eficazmente a difusão da cultura intelectual, e, em particular, o conhecimento das línguas clássicas nos países católicos, onde os jesuítas eram os mestres mais instruídos e mais zelosos.”

<sup>35</sup> COMTE, *Discurso sobre o espírito positivo*. Os ideais da doutrina positivista de Comte se resumem em: Amor como princípio, Ordem como base e Progresso como objetivo, que inspiraram a proclamação da República no



ciências exatas, sobretudo em sua forma aplicada, estão intimamente ligadas a tendências utilitaristas, mercantilistas e capitalistas. A desvalorização pela qual passam as ciências humanas é a outra face da mesma moeda.<sup>36</sup> Nas ciências positivas deve estar incluída a reflexão sobre o humanismo, porém, no mundo pós-moderno, não se pode desconsiderar a técnica que marca profundamente a vida da humanidade. A universidade deve assumir tanto as ciências exatas como as humanistas, a fim de que todas progredam a um horizonte favorável ao humanismo integral.

Jacques Maritain viu, no humanismo que ele denomina “integral”, isto é, aberto ao transcendente, um antídoto contra os “absolutos” e os ídolos do antropocentrismo radical e, contemporâneo de duas guerras mundiais<sup>37</sup>, diz: “que exista um humanismo cristão é coisa normal e justa, mas suponho que o azedume jansenista e, do lado oposto, a prevenção antirreligiosa sejam os únicos a se irritarem”<sup>38</sup>. Na mesma linha encontra-se a visão de Emmanuel Levinas, que reage profundamente à egolatria da Modernidade e ao humanismo centrado em torno do ego. Sua proposta é o “humanismo do outro homem”<sup>39</sup>, equivalente àquele que o mandamento bíblico do amor chama de “próximo” (cf. Lc 10,25-37).

Paulo Freire sistematiza a novidade da educação como prática da liberdade. Para ele, o caminho verdadeiramente cristão de um “um homem novo” só é possível em um “mundo novo”. Freire enfatiza que isso se alcança “convidando as pessoas a tirarem os véus da realidade, a descobrirem as verdadeiras causas de sua miséria e opressão”<sup>40</sup>. Segundo Freire, a “libertação” é um processo crítico de busca permanente que tem na esperança sua mola educativa, portanto, “uma teologia em que a esperança fosse uma espera sem busca, seria profundamente alienante, porque estaria considerando o homem como alguém que tenha renunciado a sua práxis no mundo; negaria o homem como ser da transformação e negaria ainda a própria salvação como busca na conversão”<sup>41</sup>. O ser humano, mesmo na sua

---

Brasil, em 1889, e os atos que a ela se sucederam: a separação entre Igreja e Estado, o estabelecimento do casamento civil, o fim do anonimato na imprensa e a reforma educacional.

<sup>36</sup> BENEDETTI, *Entre pastoral e administração: dilema da universidade católica*.

<sup>37</sup> MARITAIN, *Humanismo integral*; id., *Os direitos do homem*; id., *Princípios duma política humanista*.

<sup>38</sup> Id., *Por um humanismo cristão*, p.45.

<sup>39</sup> LÉVINAS, *Humanismo do outro homem*, p.55-7.

<sup>40</sup> FREIRE, Terceiro mundo e teologia: carta a um jovem teólogo. In: TORRES & FREIRE, *Consciência e história*, p.88.

<sup>41</sup> FREIRE, Terceiro mundo e teologia: carta a um jovem teólogo. In: TORRES & FREIRE, *Consciência e história*, p.89.

condição de limitado, tem uma coparticipação na obra divina, ele é ser de decisões livres que se humanizam na história.

### **Conclusão**

Humanismo é, portanto, muito mais que o estudo dos idiomas latim e grego, ou outros aspectos da cultura clássica. Humanismo integral consiste na abertura ao pluralismo, à diversidade e a tudo o que é verdadeiramente humano e ao divino no humano. Há, ainda, uma grande tarefa para o humanismo tradicional quanto a desenvolver a dignidade do ser humano, porém o desafio é realizá-lo em um sentido menos individualista que o humanismo clássico. É necessário um humanismo para todos, a ser alcançado por meio de uma educação que seja, conforme a expressão do educador Paulo Freire, “verdadeiramente libertadora”<sup>42</sup>. A liberdade proposta por Freire evidencia-se na teologia que propõe o ser humano inserido em seu contexto, vivenciando as experiências de toda a sua humanidade e divindade.

O medo inerente à liberdade supera-se no coletivo: “é algo muito difícil, porque ninguém dá liberdade a ninguém, ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho. Os homens só se libertam em comunhão, mediatizados por uma realidade que eles devem transformar”<sup>43</sup>. Conscientizar-se é humanizar-se na comunhão humana, é um processo permanente que faz renascer e é o que torna os seres humanos de fato livres.

O humanismo integral, cristão e crístico, não deve ser jamais uma exaltação egoísta da própria subjetividade, mas sim uma descida até o outro, especialmente o mais necessitado. Fazendo isso é que se está sendo verdadeiramente humano. O humanismo cristão realça o valor do ser humano enquanto pessoa, como princípio autônomo e individual de consciência, responsabilidade, mas, simultaneamente, aberto à plenitude do ser. A universidade católica tem o desafio de trabalhar os conhecimentos oriundos das “ciências naturais” a fim de ressituar a condição humana no mundo e das “ciências humanas” para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar a “contribuição das humanidades”. Um humanismo digno desse nome deve culminar em uma visão profunda do ser humano a fim de gerar uma cultura capaz de permitir uma convivência que favoreça a plena integração das pessoas entre si e com a

---

<sup>42</sup> FREIRE, *Pedagogia do oprimido*; FREIRE, *Conscientização: Teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*.

<sup>43</sup> FREIRE, *A Pedagogia do oprimido*, p.71.

natureza. Compete à universidade católica possibilitar que o ser humano nela presente reflita sobre a sua própria complexidade, sua origem, seu lugar no cosmos e sua corresponsabilidade com esse mundo que habita, sua natureza material, sua transcendência, sua diversidade e a convivência social.

Os limites da cultura atual, assinalada pela globalização, podem paradoxalmente constituir uma oportunidade para repensar o humanismo, uma vez que crentes e não crentes, intelectuais e outros profissionais com escassa formação acadêmica são todos igualmente instados a colaborar na busca fundamental para a sobrevivência humana neste tempo de mudanças aceleradas que clama pela fundamentação de valores éticos calcados em bases sólidas. Trabalhar a cultura objetivando plasmar uma visão mais humanizadora é, certamente, uma das mais sublimes tarefas da universidade católica atual, enquanto imersa em um contexto no qual o ser humano é, frequentemente, pensado apenas como um recurso a serviço do mercado ou convertido em um espetáculo a ser explorado pelos meios de comunicação de massa.<sup>44</sup>

### **Referências bibliográficas**

AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

AQUINO, Tomás de. Seleção de textos. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ÁVILA, F. B. Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja. São Paulo: Loyola, 1993.

ÁVILA, F. B. Antes de Marx: As raízes do humanismo cristão. São Paulo: Loyola, 2002.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Entre Pastoral e Administração: dilema da Universidade Católica. *Rev. Petrópolis*, n. 251, p.570-581, 2003.

BOFF, L. A Trindade, a sociedade e a libertação. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. Cristianismo: o mínimo do mínimo. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASTILLO, J. M. A humanidade de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. Jesus. A humanização de Deus. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. A ética de Cristo. São Paulo: Loyola, 2003.

COMTE, A. Discurso sobre o espírito positivo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

COURT, P. Morandé. Un nuevo humanismo para la vida de la Universidad. *Persona y Cultura, Arequipá*, v.1, n.1, p.86-95, 2001.

ECKHART, M. O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1991.

---

<sup>44</sup> MELLER, *Universitários: el problema no es el lucro sino el mercado!*, p.177; SIBILIA, *La intimidad como espectáculo*.

FORTES, L. R. S. Rousseau: o bom selvagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANCA, L. A crise do mundo moderno. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

\_\_\_\_\_. A psicologia da fé. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

\_\_\_\_\_. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCISCO. Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GESCHÉ, Adolphe. O ser humano. São Paulo: Paulinas, 2003.

GREISCH, J.; HÉBERT, G. Philosophie et théologie à l'époque contemporaine IV. Paris: Cerf, 2011.

KONINGS, J. Humanismo e contemporaneidade. Revista do Instituto de Ciências Humanas, Belo Horizonte, v.9, n.11, p.122-132, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. Humanismo do outro homem. Petrópolis: Vozes, 2009.

LIMA, Alceu Amoroso. Pelo humanismo ameaçado. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

LUBAC, Henri de. O drama do humanismo ateu. Itapevi: Nebli, 2016.

MARDONES, J. M. A vida do símbolo. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARITAIN, J. M. Humanismo integral. 5.ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1965.

\_\_\_\_\_. Por um humanismo cristão. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. Princípios duma política humanista. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MELLER, P. Universitários: el problema no es el lucro sino el mercado. Enfoques, Santiago, v.10, n.16, p.177-180, 2012.

MIRANDA, Mario de França. Evangelizar ou humanizar? Reb, Petrópolis, v.295, p.519-548, 2014.

MOURA, Laércio Dias de. A dignidade da pessoa e os direitos humanos: o ser humano num mundo em transformação. São Paulo: Loyola, 2002.

NOGARE, Pedro Dalle. Humanismos e anti-humanismos. Petrópolis: Vozes, 1983.

OSOWSKI, Cecília Irene. Teologia e humanismo social cristão. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

RAHNER, K. Teologia e antropologia. São Paulo: Paulinas, 1969.

SOUZA, José Neivaldo de. Imagem humana à semelhança de Deus: proposta de Antropologia Teológica. São Paulo: Paulinas, 2010.

TORRES, Carlos Alberto; FREIRE, Paulo. Consciência e história: a praxis educativa de Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1979.